

OPINIÃO

Crise económica - desafio à fraterna partilha de bens

LEIA COMIGO -
ACONTECIMENTOS
E COMENTÁRIOS

■ D. JOÃO

ALVES

■ Bispo Emérito
de Coimbra



PELO QUE LEIO, ouço e vejo não tenho dúvidas de que muitos dos portugueses sofrem pela carestia da vida e temem já o que se anuncia. Estou a referir-me a essa multidão de pobres que os peritos dizem que deve rondar o milhão e meio de portugueses. A maioria deles não grita e não toma parte em manifestações de rua. Labuta no dia-a-dia para conseguir o alimento para si e para os seus. Esta multidão ama o próximo e tudo faz para o ajudar, por pouco que seja. Apesar da sua debilidade é uma multidão que, no geral, dá consistência ao país pela justeza dos seus critérios, pela firmeza dos seus princípios e pela fidelidade aos grandes valores. É esta multidão que tenho diante dos olhos e do coração e que me interpela com a sua honestidade, pelo amor dos seus, pela coragem sempre fortalecida com as preocupações de cada dia e, como regra, pela sua fé em Deus. Quanto tem sofrido e quanto vai sofrer nesta fase

crucificante em que o país vai entrar.

Estando a pensar sobre tudo isto e sobre o modo como poderia intervir, mais uma vez, por meio do meu escrito semanal, lembrei-me do discurso que o Papa Bento XVI dirigiu a uma vasta multidão reunida em Fátima na Igreja da Santíssima Trindade cuja lotação ronda as nove mil pessoas. Esta assembleia era formada pelos voluntários que trabalham nas obras sócio-caritativas da Igreja em todo o nosso país e por alguns convidados de obras sociais não da Igreja. Ao olhar aquela multidão fiquei impressionado com tanta gente dedicada ao serviço voluntário dos pobres. Que maravilha este florescimento da generosidade a favor do próximo em pobreza.

Pergunto se o Estado terá consciência desta colaboração, a vários títulos preciosa e imprescindível, que voluntariamente lhe prestam, servindo os necessitados de ajuda.

Se repararmos, os Estados funcionam, também em boa parte, pela colaboração do voluntariado.

Por impulso destas ideias resolvi recorrer ao texto que o Papa dirigiu aquela Assembleia reunida em Fátima, discurso que me parece de grande riqueza quanto ao pensamento e quanto às orientações pastorais.

Não foi a primeira vez que o Santo Padre tratou do problema da ajuda aqueles que dela precisavam. Basta ler a segunda parte da encíclica "Deus é amor" para o verificar. Em Fátima Bento XVI foi mais concreto por exigência das circunstâncias.

Vamos, então, sublinhar algumas das ideias e orientações do Papa para os servidores do mundo carenciado de auxílio.

Sublinho em primeiro lugar quem vê o Santo Padre no mundo dos carecidos de ajuda. Vê nele "os pobres, os doentes, os presos, os sós e desamparados, as pessoas com deficiência, as crianças e os idosos, os migrantes, os desempregados e os sujeitos a carências que lhes perturbam a dignidade de pessoas livres". Por aqui se nota que o Papa tem uma ampla visão das situações cruciantes dos seres humanos que precisam de amor e ajuda concreta e generosa.

Depois deste aspecto realço que o ser humano, rectamente formado, abre-se a tornar seu o sofrimento dos seus semelhantes, isto é, a ter compaixão, termo desvalorizado por uma leitura menos isenta. Compaixão é uma atitude digna e dignificante de quem a vive a sério. Entra nela a consciência da fragilidade humana, a solidariedade, a humildade e o esquecimento de

si para colaborar com o necessário de auxílio.

Tomada assim a palavra compaixão no seu sentido forte não há dúvida de que o seu esquecimento empobreceu a humanidade e daí, por vezes, a indiferença, perante o sofrimento alheio com a absolutização do interesse individual.

O Papa lembrou um trecho do Novo Testamento em que Jesus aparece a contar a parábola do bom samaritano que refere que um homem vindo de Jerusalém para Jericó estava a esvair-se em sangue à beira do caminho. Fora assaltado, maltratado, roubado e atirado para a valeta do caminho. Passaram, por ali, várias pessoas que viram de longe a situação do maltratado. Passaram de lado e seguiram caminho, até que veio um samaritano cujo povo não era bem visto pelos Judeus. Parou e foi ver aquele que sofria e gemia. Inteirou-se da situação e prestou-lhe os primeiros cuidados para melhorar a saúde. Não contente com isto ergueu o doente e colocou-o na sua montada e levou-o até uma estalagem em Jericó. Pede ao estalajadeiro que o trate bem que, quando voltar, pagará as despesas que tiver feito. Assim fez, de facto, segundo se pode concluir.

Sua Santidade acrescenta que cada ser humano tem por vocação ser bom samaritano para

com quem carece de ajuda fraterna. Cada ser humano há-de ser próximo do seu semelhante, mas particularmente daqueles que sofrem e esperam por auxílio. Cada ser humano tem vocação de ser bom samaritano.

Se esta ideia fosse convicção em todos os seres humanos, a humanidade seria muito melhor porque mais humana.

O Papa recomenda, também, aos cristãos que o escutavam em Fátima que, na vida, tenham o estilo do bom samaritano. Este aproximou-se e informou-se da situação real do ferido, deu logo a primeira ajuda e responsabilizou-se pelo resto da cura na estalagem. Este é que é o estilo do bom samaritano. Não passou de lado...

A reflexão cristã descobriu cedo que Jesus ao contar esta parábola estava a falar de si próprio. Ele era o Filho de Deus que se aproximou tanto de nós que ficou igual a nós excepto no pecado. Aproximou-se o máximo, e como diz o profeta, tomou sobre si as nossas fraquezas e pecados para nos libertar deles e nos tornar felizes. Jesus, é o melhor "Bom Samaritano".

O Santo Padre recomenda, àquela assembleia de cristãos que não se deixem tomar só pela pressão da acção, mas que cuidem com toda a atenção e cuidado da sua formação espiritual. É que cada um é colaborador na missão caritativa da Igreja que,

por sua vez, deve agir em união com Jesus - o Bom Samaritano seguindo o seu estilo.

Na parte final da sua intervenção o Santo Padre sublinhou a necessidade de todos aqueles que se encontram na área da ajuda ao próximo sofrerem, que actuem em colaboração uns com os outros. Que haja colaboração entre as obras católicas sócio-caritativas e colaboração mesmo com aquelas obras que não são eclesiais.

E concluo sublinhando uma ideia do Papa a insistir que as instituições da Igreja devem aprofundar o conhecimento da identidade específica da Igreja e procurar, equilibradamente, a sua autonomia e independência porque são expressões do amor de Deus. Esta autonomia deve existir em relação ao Estado, apesar da Cooperação que os acordos estabelecem. Essa cooperação nunca deve comprometer a referida autonomia.

Lembremos que a Concordata de 2004 logo no início diz que a Igreja Católica e o Estado seguem a Lei da Separação mas com espírito de cooperação sempre que esteja em questão o bem comum, a defesa da dignidade humana e os grandes valores aprovados pelo tempo.

É belo servir o próximo sofredor! Esta missão porém é muito exigente, mas é também gratificante. |

Janelas

■ JOÃO
RAMALHO
SANTOS

■ Docente e Investigador, Departamento de Ciência da Vida e centro de Neurociências e Biologia Celular, Universidade de Coimbra



ONTEM tiraram-me a janela.

O responsável da obra veio explicar que o caderno de encargos prometia um edifício desocupado. Agora fito o contraplacado que me puseram a tapar o buraco, e imagino se é de dia ou de noite. Literalmente,

tento fazer investigação científica de ponta emparedado no Colégio de Jesus, futuro Museu.

Museus são importantes factores de desenvolvimento. Mas a História da Universidade de Coimbra não será valiosa se não fizermos nada para a prolongar, modernizando a imagem por modernizarmos a realidade. Se não houver condições dignas para leccionar Ecologia, Biologia Celular e Molecular ou Bioquímica aos nossos alunos. Se não houver um modo de juntar todos os investigadores do meu Centro, um dos mais produtivos do país. Se não existir uma ligação forte

entre ensino e investigação, sem a qual o primeiro se reduz a sebatas e plágios via Google, e a segunda perde a alma. Se o nosso trabalho for citado apenas quando convém, sem perceber as condições em que é feito, como seria fácil potenciá-lo. Se o investimento em Ciências da Vida for apenas uma palavra-chave, enquanto noutras áreas se duplicam esforços requalificando e desqualificando espaços. Se sobreviverem as pequenas invejas entre Faculdades e Centros de Investigação, fazendo com que a Universidade valha menos do que a soma das partes, sem razão ou

necessidade. Se continuarem a ser recompensadas birras, arrogância, oportunismo. Se a automatização, acreditação e certificação de serviços e cursos tiver como efeito secundário transformar docentes e investigadores em funcionários.

quanto instituições concorrentes investem com propósito, criam estruturas, e atraem quem as torne mais competitivas.

Claro que tudo isto é essencial, sem ser o essencial; não vale ceder à fadista lamúria lusitana. Essencial é, no meu

ESSENCIAL É O PRAZER DE ENSINAR ALUNOS QUE VALEM A PENA, TRABALHAR COM COLEGAS TALENTOSOS E JOVENS INVESTIGADORES QUE DESCOBREM COISAS QUE MAIS NINGUÉM DESCOBRIU

Se tudo isto não for apenas admitido por delicadeza ou enquanto inevitabilidade. Ou pior, culpa dos "outros". En-

caso, o trabalho desenvolvido em Biologia da Reprodução. Que fazendo uma coisa conseguimos melhores células esta-

minais, ou que fazendo outra identificamos os melhores espermatozóides. Essencial é o prazer de ensinar alunos que valem a pena, trabalhar com colegas talentosos e jovens investigadores dinâmicos que descobrem coisas que mais ninguém descobriu, utilidades em que mais ninguém pensou. Pessoas que podem não ser muito conhecidas, mas que espantam o mundo. E me espantam, continuamente. Isso é que é ser Cientista, Professor. Quaisquer que sejam as condições.

Não há contraplacado no mundo que me impeça de ver isso. |